

DF precisa mais investimentos em esgotos

O Distrito Federal produz atualmente 250 milhões de litros de esgoto por dia. Destes apenas 87 por cento são coletados e 43 por cento são tratados. Os números ainda estão muito distantes do patamar ideal. Para se ter uma idéia, as cidades-satélites de Brasília como Taguatinga, Ceilândia, Gama, Planaltina e Santa Maria, que representam pelo menos a metade da população, não possuem rede de esgoto.

Os projetos de saneamento efetuados no Distrito Federal e expostos no 17º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Meio Ambiente começam a se destacar na América Latina. Há oito meses, a estação de esgoto da Asa Sul, que engloba as satélites do Núcleo Bandeirante, Guará e Candangolândia está fazendo um trabalho de tratamento utilizando processo biológico para remoção de nutrientes. A tecnologia foi importada da África do Sul. Os resultados começam a ser vistos: está diminuindo a poluição, no lago Paranoá, onde os esgotos são lançados, e aumentando a concentração de oxigênio dissolvido e reduzindo a presença dos coli-

formes fecais.

De acordo com o superintendente de Operação e Manutenção de Unidades Operacionais de Esgotos da Caesb, Marcelo Teixeira Pinto, os coliformes fecais foram reduzidos de seis mil por 100 ml para 780 e a concentração de Joxigênio dissolvido, que traz vida ao lago, dobrou. A estação de tratamento da Asa Sul demora para o processamento biológico aproximadamente seis horas, jogando nas águas do Paranoá mil e 500 litros de esgoto tratado por segundo.

Com a entrada em funcionamento da estação de tratamento de esgoto da Asa Norte, que irá processar 920 mil litros por segundo, a porcentagem total de esgoto tratado subirá para 53 por cento. A tecnologia do processamento biológico desenvolveu-se nos últimos cinco anos e agora começa a ser utilizada por países como o Canadá e Estados Unidos.

Hortaliças — Outro projeto em destaque no Congresso foi o que trata da parasitologia no meio rural. A idéia é identificar parasitas intestinais e bactérias nas hortaliças folhosas, na água de irriga-

ção de consumo doméstico, nas pessoas e nos animais. O projeto de autoria do coordenador de Estudos Básicos e Interação Comunitária da Caesb, João Boaventura Teixeira, visa melhorar as condições sanitárias, do processo de produção das hortaliças e das moradias.

O trabalho não aloca recursos do GDF, pois o que é gasto é financiado pelos próprios produtores. O projeto funciona com a interação da Caesb, Instituto de Saúde, Departamento de Fiscalização de Saúde e Lazer. Desde 1991 que um grupo de dez pessoas percorre as propriedades agrícolas, fazendo cadastramento, estudo, epidemiológicos e análises laboratoriais. Detectada qualquer alteração nas hortaliças folhosas, a equipe presta assistência técnica, a fim de sanar os problemas.

As comunidades de Alexandre Gusmão, Vicente Pires e Águas Claras já passaram pelo crivo da fiscalização. Agora a equipe está trabalhando em Vargem Bonita, seguindo depois para Riacho Fundo e Núcleo Bandeirante.